

Relatório de viagem à Rússia

Autor: Heinz F. Dressel,

tradução: Ulrich Dressel

Título original: Reisebericht Rússia



Acompanhando o Dr. Walter Frantz, acabei de fazer uma viagem acadêmica que, via Birmingham, nos levou a Estocolmo e Umeå, na Suécia (a „terra natal“ da D. Helena!); depois, devido à greve do pessoal aéreo da companhia aérea SAS, primeiramente a Helsinki,

na Finlândia, e finalmente à Rússia. Em Estocolmo, nossa experiência com a *Aeroflot* veio a ser nossa primeira lição em questões de „antiga União Soviética“: sem qualquer respeito humano, a *Aeroflot* só levou nossas malas a Moscou, mas não a nós mesmos...

Quando, pela *Finnair*, um dia depois chegamos à capital russa, inicialmente ocorreram problemas no controle dos passaportes: Dr. Walter foi chamado de lado e não lhe permitiram passar pela barreira, até finalmente entenderem que não se prestava para objeto de pilhagem corrupta de autoridades fronteiriças. Teria preferido ir ao campo de concentração a pagar um só parco rublo de suborno! Logo, contudo, o ritmo seguiria no mesmo sentido, a saber, ao reclamarmos a bagagem. Inicialmente ninguém sabia de nada! Mas eu havia solicitado à SAS uma cópia de um telex em que fora confirmada a chegada de nossa bagagem a Moscou. Assim, com mau humor, foi nos indicado o pessoal do guarda-bagagens! Onde, no entanto estaria ele? Neste estágio das coisas felizmente encontramos nossos recepcionistas oficiais, que nos levariam a Kazan: a germanista Galina e um clérigo muçulmano, pois a maioria da população em

Kazan, junto ao rio Volga, é muçulmana de nascença. Haviam enviado o clérigo especialmente para mim, o que, no entanto, não adiantou muito, pois só falava russo. Mas levou-nos os 800 km até Kazan sem dormir sequer 5 minutos durante o trajeto! Primeiramente, contudo, tínhamos de encontrar nossa bagagem, o que foi bem-sucedido graças à jovem oficial, para, a seguir, nos sujeitarmos à alfândega. Também este processo beirou a comédia. Mais que irritante foi o tratamento na declaração das divisas. Sentimo-nos deslocados ao tempos do tsares, em que havia oficiais como Puschkin ou Gorki os descreveram fartamente. Resultado da declaração das divisas foi que a partir de então tínhamos diariamente o dia em que deixaríamos a Rússia! (O que depois veio a ocorrer em total tranquilidade, se bem que não sem momentos de susto!)

Por volta do meio dia, largamos para a grande viagem no carro institucional da Universidade de Kazan. No trecho de 800 km passamos 13 horas no *Volga* já meio desgastado. Isso nos permitiu observar muito do *interior* da Rússia! Nós "brasileiros" ansiávamos por um cafezinho animador nalgum povoado ao longo da estrada. Placas com a mensagem *Café* ou *RECTORATH* (Restaurante) havia várias, só que não encontrávamos café, senão muita coca-cola ou fanta. A Rússia tomou-se um paraíso para produtores de refrigerantes, pois a água encanada, por deus dos céus, em absoluto não é potável. E mesmo chás parecem raros. Já cerveja e Vodca encontram-se em tudo que é lugar! E quanto à comida? Salada, que significava pepino e tomate fatiados, bem como a batata inglesa não faltavam no café da manhã, nem no almoço nem na janta. Carne de galinha, talvez ainda sardinhas, formam o acompanhamento proteínico. Muita gordura e defumados, e carnes cozidas, coalhada, porém pouco queijo; chouriços, dificilmente lingüiças mais „nobres“ como as temos como „frios“. Rústico, portanto, segundo nossa avaliação, antes pobre. Vegetarianos teriam dificuldades em sobreviver na Rússia...

Todo um capítulo mereceriam os banheiros na antiga URSS, um triste capítulo! Outro capítulo iria se referir aos constantes

„controles de trânsito” nos 800 km! Na verdade trata-se ainda da mania do velho NKWD - o minucioso controle do trânsito regional e inter-regional. Na hora H. não passa nada nem ninguém!

Quando, às 3 da madrugada, um tanto atormentados e exaustos, enfim chegamos a nosso alojamento, ficamos francamente chocados: tratava-se de um tipo de ~hotel-apartamento” da universidade; mas que tipo de „apartamentos” seriam esses, e em que estado estavam as condições higiênicas? O banheiro em meu „apartamento” era simplesmente indigno de humanos. O vaso sanitário parecia não ter sido limpado há anos; similar, seu assento. Os canos estavam cobertos de uma forte camada de ferrugem, sem falar que não havia papel para „fins avessos” (o que foi compensado por lenços de papel alemães). A descarga escorria ininterruptamente em todos os banheiros que conheci ao decorrer do dia, tal qual as torneiras nas diversas universidades e institutos que pudemos conhecer em Kazan e Moscou. No primeiro dia no „hotel” da universidade não recebi chave para meu modesto quarto nem para a porta de entrada do apartamento, em que, a partir do segundo dia, em outro quarto, pernoitava nosso amigo prof. Anatólio, de São Petersburgo - ou deveria eu melhor dizer: de Pratos, no sul do Brasil (lá ele nasceu!). A arrumadeira, que igualmente morava em nosso corredor, simplesmente não havia se lembrado de nos entregar as chaves quando chegamos. No hall do térreo ministrava um vigilante detrás de sua copa.

O primeiro dia em Kazan foi o domingo de pentecostes. Antes de o Dr. Walter e eu podermos tomar nosso café em seu apartamento ligeiramente melhor equipado dispunha de um pouco de nescafé, algumas xícaras e um samovar - fomos submetidos a uma engorda, bem ao modo russo, pelo reitor da Universidade Técnica, nosso anfitrião, num café de recepção, com salada, carnes, conhaque, vodca e frutas. Seguiu-se uma viagem de carro ao porto do Volga, onde nos aguardava um barco motorizado. A subida ao barco foi um tanto aventureira,

via *passa-mão*, como batizamos a longa verga de ripas atravessados, de íngreme subida, que muito se arqueava sob cada passante. Mas todos conseguimos embarcar. Além do reitor russo e de sua esposa, estiveram presentes também os vice-reitores e alguns



professores de importantes posições na estrutura universitária, ademais nossa tradutora Dilya, doutoranda, que se defendia no inglês e com algum esforço também pronunciava alguma frase em *germanski*. Durante os 40 minutos de viagem fomos uma vez mais convidados para uma rodada de bebidas e café da manhã como recepção, desta vez no camarote. Destino foi a praia de veraneio da Universidade Técnica de Kazan. Hospitalidade russa requereu que nos reuníssemos novamente para um café da manhã com muitos votos. Um breve passeio sob bétulas e pinus haveria de nosso dar apetite para o almoço a seguir imediatamente! Quando aliviados achávamos que definitivamente bastasse da bebida e da comida, fomos avisados que por razões técnicas haveria apenas um breve *interval*, logo seguiriam espetinho, peixe e sopa de peixe. Enquanto a carne começava a assar e a cheirar bem sobre a grelha, o anfitrião indicava para o mato detrás comentado: "No caso de necessidades..." Seu braço imitava um grande arco pelo ar.

Durante o retorno no Volga houve então nova rodada, de despedida, com bocados de carne ou peixe. Entrementes haviam se acumulado os brindes. E russos costumam sempre tomar até o último gole! Eu já havia feito essa experiência no Vietnã - onde o povo irmão russo havia popularizado a vodca e introduzido costumes russos - e aceitei um trago, para depois passar a só bebericar. Meu pretexto da saúde parecia ser tolerado - aliás, igualmente na ida à sauna, a que me esquivei -

já a profissão não teria me servido de escusa, pois no país da „aguinha” também os clérigos não costumam ser abstinentes!. De volta no porto de Kazan, seguimos de ônibus até o alojamento, onde havia entretanto chegado o Prof. Anatólio, cuja recepção formal estava agora em pauta - com muita vodca e conhaque, e novamente a típica janta russa. O Prof. Anatolio Gach, romanista de São Petersburgo (nascido em 1936) é, como revelou Dr. Walter em seu brinde, natural de Pratos/Tucunduva - minha primeira paróquia a serviço do Sínodo Riograndense (dezembro 1952)! - e em 1953 retomou à Polônia. Os pais poloneses haviam emigrado para o Brasil em 1934. O talentoso filho freqüentou a escola marista em Santa Rosa. Na Polônia iniciou seus estudos acadêmicos. Após sua admissão na escola diplomática de Varsóvia obteve um vistÓ para a URSS, de que os pais se sentiam atraídos. Anatólio estudou romanística (espanhol) - então ainda não houvera estudos lusitânicos na URSS. Posteriormente veio a ordem do governo de abrir um departamento de português em Leningrado, e o Prof. Anatolio foi designado chefe. Por último atuara na Unijuí em Ijuí. Daí o Dr. Walter o conhecia. Para depois de sua aposentadoria, Anatolio cogita retomar à Unijuí e também adquirir uma casa com apoio da Unijuí, após a venda de seu apartamento e de sua datcha em São Petersburgo (onde sua mãe enferma deverá ocupá-lo ainda por algum tempo). Depois ainda retomamos juntos a Moscou e São Petersburgo.



Nossa „visita” à Universidade de Kazan deu-se na segunda-feira de pentecostes. No fundo tratou-se primeiramente de um giro pela universidade. O início de nossa programação foi novamente marcado por um café-da-manhã oficial consistente de coalhada, nata, ovo, fanta, chá e um pouco de pão. Depois visitamos

Departamentos - o centro de processamento de dados (programas de estatística), tecnologia de aviação, como não

poderia ser diferente numa universidade que leva o nome de Tupolev; sistemas de foguetes - e ainda o museu universitário. Nele encontrei um impulso e dados para a elaboração de um folheto dirigido a interessados brasileiros na fabricação de um pequeno avião que pudesse aliviar o trabalho para os pequenos plantadores na aplicação de inseticidas, por exemplo. Depois da visita dos Departamentos ocorreu nossa visita oficial ao reitor no conselho da universidade, aliás com uma excelente fala do Dr. Walter.



Após um lanche ao meio-dia fizemos um *tour* pela cidade sob chuva parcial. Foi nos possibilitado a visita a uma igreja tradicional dos ortodoxos em que estudara Lenin um dia; o Kremlin, ou seja, a fortaleza da cidade histórica, e evidentemente uma médica versada em história, chamada especificamente para nós, deu um breve apanhado da história da cidade.

A janta, entre as mais importantes personalidades do corpo docente da Universidade Técnica, aconteceu novamente no apartamento do Dr.

Walter: primeira parte: frios - Sauna! - segunda parte: janta (felizmente perdi a hora). Depois, por volta das 22h30, ocorreu uma visita a um professor (da física) tártaro, de Ijuí, passando férias. Quando chegamos a seu bloco residencial, acabara de



cair a energia, de modo que escalamos os 8 andares no escuro cumprimentando os familiares em total escuridão, provando a atenção culinária no escuro. Tive de prometer uma visita ao professor quando de minha estadia em Ijuí, programada para o outono.

Terça-feira, dia 6 junho, estavam em pauta os contratos entre a Rússia e o Brasil. No decorrer da manhã foram firmados dois convênios na reitoria, por mim assinados na condição de testemunha. Com o Dr. Walter seguimos à Universidade Agrícola, onde este novamente proferiu uma boa fala. Em resposta à pergunta de um velho marxista durante a discussão, o Dr. Walter fez um depoimento franco em favor da sociedade capitalista sem qualquer intervenção ou tutela, mas pronunciou-se em prol de medidas estatais para o impedimento da exploração de colaboradores. "Com isto eu talvez esteja mais próximo a Marx e Lenin", assim Dr. Walter.



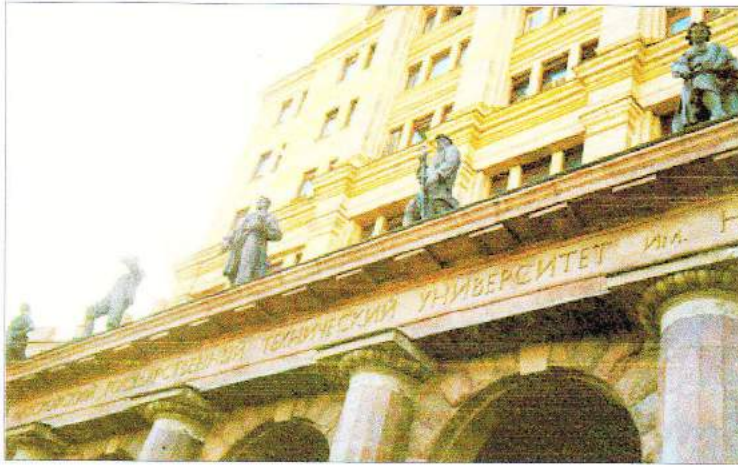
O almoço deu-se na casa do Prof. Taigat K. Sirazetdinov, que ficou feliz por hospedar um pastor: teria conhecido dois pastores, disse no brinde. Ambos o teriam impressionado, acrescentando ainda: „Estou começando a me interessar por religião; infelizmente falta-me tempo para isso.”

À noite viajamos de trem a Moscou, onde na Universidade Técnica vivemos uma ocorrência especial. Antes, contudo: na fachada de entrada, pôde-se admirar algumas figuras em pedra. Desrespeitoso, o amigo Anatólio observou: „São os únicos sóbrios neste prédio.” Tivemos oportunidade de conhecer a razão para esta observação: em função de uma festa, estavam ausentes o reitor e os pesos mais pesados do corpo docente. O vice-reitor fora condenado a ficar e a nos receber. Ademais pretendia de noite viajar a uma conferência à Bulgária. Apenas seu professor e membro da Academia das Ciências e tal permanecera para lhe fazer companhia. Por ser um dia festivo da instituição e ainda um dia de solidão prolongada, o vice-diretor já havia se „abastecido” um tanto quando nós primeiramente largamos nossa bagagem. A seguir, por ordem da tutora Dilya, fizemos primeiro uma visita ao Kremlin e outras atrações turísticas de Moscou. Quando depois retornamos

ao encontro oficial do nosso vice-reitor, já não houve do que tratar, pois o homem estava completamente bêbado, tal qual se conhece as figuras históricas criadas por Puschkin ou Gorki! E muito, muito mais! Simplemente inacreditável, surrealista, totalmente impossível! Se montassem similar numa peça de teatro, o público diria: isso não existe! Triste, entretanto, que um punhado de estudantes, que por demais se encontravam no estresse dos exames, tivera de



presenciar tudo isso! Em determinado momento, nosso anfitrião levou as mãos a pastas luxuriosas, coloridas, numa vitrine, e tomou duas numa mão e outras duas noutra, explicando a mim - que eu fazia o papel de intermediário - que agora procederíamos tal qual crianças. Aí entrou na sala de mãos escondidas nas costas, perguntando: „Qual mão o sr. quer?“ remeti ao Dr. Walter: „O Reitor primeiro!“ Aí que começou a palhaçada! Afinal o vice-reitor estava nos passando documentos estritamente sigilosos ainda há pouco em função dos segredos num „laboratório bélico“, não sem observar que sua posição corresponderia a uma de ministro. Dr. Walter, em momento propício, me cochichou no ouvido: „Quem sabe se nestas pastas ainda se encontram documentos importantes! Não vamos levar essas coisas senão nos prenderão como espiões na partida no aeroporto!“. De fato o Dr. Walter enfim deixou a sacola com os documentos comprometedores no escritório do anfitrião, mas como os estudantes haviam sido condenados a nos acompanhar até o aeroporto no dia da nossa partida, devolveram-nos a sacola „quente“ antes da partida! E, vejam só, quando desembulhei minha parte da coisa em casa, deparei-me efetivamente com correspondência russa e notas numa destas pastas! Quando nossa tutora de Kazan, Dilya, traduzia o vice-reitor do russo para o inglês, e logo eu do inglês para o português, Dilya pedia desculpas a mim comentando: „Não sei



por que ele de repente está falando de Winston Churchill.” Repassei desta forma para o Dr. Walter e traduzi a citação: Churchill teria dito que os Bálcãs seriam uma r e g i ã o estrategicamente

determinante. Isto obviamente era nos dito porque o vice-reitor estava prestes a viajar até a Bulgária. Entre as absolutas curiosidades deste compromisso naquela universidade de Moscou inseriu-se também a „condecoração” intempestiva, a que tivemos a duvidosa honra e igualmente o duvidoso prazer: depois de nosso anfitrião ter nos informado que estaríamos numa sala em que antigamente costumava se reunir o *Komsomol*, novamente foi mexer num armário, apresentando-nos logo três pequenas caixinhas de que retirou condecorações soviéticas: essas condecorações eram outorgadas unicamente a egressos da Escola Técnica após passarem o exame. Antigamente, quando a universidade ainda fora um tipo de escritório de planejamento para a indústria bélica e se cultivavam tradições militares, os condecorandos teriam afundado a condecoração no fundo de um *stakan*, um copinho de cachaça, não só bebendo a vodca num só trago, mas retirando a condecoração com os dentes. Entre nós civis, o procedimento seria amenizado um pouco: bastava limpar o copo de vez, e depois retirar a condecoração com que honrosamente nos agraciara. Como despedida, o ator principal da comédia de que participávamos beijava-me longamente a mão. Isso seria hábito russo para externar o respeito a um clérigo. Desta forma devo ter sido o único clérigo que alguns dias após a dissolução da União Soviética terá recebido, sêm exame final da Universidade Técnica, uma condecoração do *komsomol* e um beijo na mão pela mesma pessoa. Foi mesmo uma tarde memorável.

À noite seguimos viagem de trem até São Petersburgo. O Dr. Walter e eu estivemos no mesmo compartimento. Chegados em São. Petersburgo, seguimos de carro até um alojamento para hóspedes da universidade, onde Dilya teve um quarto próprio, e Dr. Walter e eu outro, juntos. Ali havia condições higiênicas boas; em função da constante carência de líquido potável (uma vez que a água canalizada não pode ser consumida), sofremos com o calor com que o clima havia nos brindado durante toda visita à Rússia.

Primeiro item na agenda foi uma visita ao centro de línguas e aos romanistas da Universidade de São Petersburgo. Walter proferiu um discurso prolongado. Maravilhoso foi a facilidade com que pudemos nos comunicar com todos os amigos do Departamento de Romanística! Todos falavam português (de Portugal) e uma professora de espanhol falava español!

Dilya nos ajudava também com respeito aos pedidos no restaurante universitário, sendo que não estava exatamente feliz com nossas necessidades de comida e bebida diferentes. De qualquer forma, logo criamos o hábito de „encomendar“ os pratos da próxima refeição após cada refeição (também após o café-da-manhã). Da nossa parte tratava-se apenas de uma redução ou anulação de pratos comuns ou de suas sequências. Para nosso gosto, a comida russa simplesmente consistia de demasiada carne e gordura. De outro lado, as refeições compreendiam pouco líquido.



Num *city tour* muito interessante, com uma estudante da Romanística, pudemos até visitar o famoso cruzador *Aurora* e tirar algumas fotos de lembrança.

Para a sexta-feira haviam incluído na programação uma visita à *Eremitage* (palácio de inverno). Sob a guia quase que profissional da professora

Natascha, obtivemos uma impressão não apenas dos tesouros de arte concentrados ali num percurso de três mil metros, mas também da cultura e história deste povo persistente e corajoso. Aliás, percebemos que em São Petersburgo nos encontrávamos „em meio à casa européia” e sentimos muita alegria e satisfação em podermos voltar a nos comunicar tal qual irmãos após tanto tempo de separação! Com uma refeição na condição de convidados dos docentes da Romanística encerrou-se nossa memorável visita à histórica São Petersburgo, cheia de tradição, na Europa oriental.

Na viagem noturna até Moscou, Dr. Walter e eu estivemos novamente no mesmo compartimento, Dilya compartilhou seu compartimento com um homem desconhecido, o que não lhe agradou muito.



No sábado Dilya nos disse após a chegada a Moscou: „Até agora vocês foram convidados, agora vocês fazem tudo o que os habitantes de Moscou precisam fazer.” Assim obtivemos uma impressão da “luta pela sobrevivência”, começando pelo metrô, o bonde, os problemas que surgem quando de „necessidades humanas” até uma ducha nas „casas de hóspedes” e as dificuldades do “shopping” em Moscou (para o desespero de meu companheiro de viagem, o „shopping” revelou-se problema de gravidade no mínimo média!). Experimentamos um almoço à la „mundo plástico”, a longa viagem até o aeroporto e a dificuldade de fazer o check-in com a bagagem. Mas também estávamos felizes com a liberdade. Na lanchonete no andar superior pedimos a gosto, se bem que a preço elevado. Mas ainda tínhamos valores elevados de rublos russos com que a Universidade Técnica de Kazan

gentilmente nos abastecera, para cujo uso não havíamos encontrado a mínima oportunidade, e cuja saída do país era rigorosamente proibida. Quando tencionamos presenteá-los, causamos protestos e intrigas. Finalmente o Dr. Walter teve êxito em pedir para repassar o acervo de rublos a uma docente russa, que poderia resolver algumas compras com isso antes de retomar ao Brasil semanas depois. De resto, o controle na saída ocorreu sem problemas. Se bem que não tivemos uma declaração atualizada de divisas em mãos. Salvou-nos, contudo, nossa proposta de simplesmente permitir a alteração da data do canhoto antigo, declarado na entrada. Esse jeito de solução do problema, originado na cultura brasileira, foi nos permitido. Mal alterada a data da declaração, e carimbada, a oficial a deixou cair no chão do aeroporto sem dar bola - um „processo de arquivamento” muito sensato! Um sorvete teuto-suíço antes do corredor para nosso vôo adocicou nossa despedida. Logo seguimos com a Lufthansa rumo a Frankfurt! Ali ainda conduzi o Dr. Walter até o balcão da VARIG e o despedi rumo ao Brasil. Quanto a mim, segui a Nuremberg, onde me esperavam minha esposa e nosso hóspede Oskar Lützow.

1) nota do Tradutor: Trata-se da falecida Sra. Helena Mundstock, nascida Nilson, de Tuparendi. É madrinha de batismo de Ulrich Dressel. Doou uma roca ao Museu.

